



GT 037. Etnografias sobre a financeirização do agronegócio no Brasil: efeitos, disputas e comparações

Anna Catarina Morawska Vianna (UFSCar) - Coordenador/a,
Luciana Schleder Almeida (UNILAB) - Coordenador/a

Este grupo de trabalho tem como intuito propor um debate sobre a financeirização do agronegócio no Brasil por meio de etnografias que explorem a imbricação de elementos técnicos e morais que marcam a chamada 'sociedade do agronegócio' (Heredia, Palmeira, Leite 2010). São bem vindas reflexões baseadas em trabalho etnográfico que proponham, por exemplo, comparações entre o agronegócio para exportação e redes de troca de produtos não financeirizados, como o caso de sementes crioulas e produtos agroecológicos; descrições de alianças entre técnicos, grupos de pesquisa e produtores em torno de saberes e tecnologias que visam o aumento da produção e circulação de produtos; estratégias discursivas que esses agentes mobilizam para legitimar a expansão do agronegócio; etnografias sobre leilões e mercados agropecuários que joguem luz sobre novas correntes de economia e mercados; análises sobre as distintas temporalidades implicadas no 'dentro' e 'fora' da porteira, assim como em mercados físicos e futuros. Pretende-se, deste modo, reunir tanto pesquisadores que têm como foco central questões próprias da antropologia da economia, assim como aqueles que as tangenciam tendo em vista os processos de expropriação e conflito que seus interlocutores de pesquisa vêm enfrentando no meio rural brasileiro.

A financeirização e o agronegócio no Brasil: grupos gestores de 'Mega Farms' operando em bolsa de valores

Autoria: Martin Mundo Neto, Wellington Afonso Desidério

A financeirização pode fornecer um quadro de análise das mudanças no âmbito de diferentes espaços e contextos econômicos. O surgimento de grupos empresariais operando 'Mega Farms' (um conjunto de fazendas cuja somatória das áreas pode ultrapassar meio milhão de hectares) tornou-se um dos temas da financeirização no agronegócio nacional e internacional, sendo debatido sob diferentes aspectos, seja como processo de transformação dos mercados de terra e da internacionalização da propriedade rural, seja como espaços de atuação de novos rentistas, ou ainda como processos de transformação das culturas rurais tradicionais e da forma de gestão de grandes áreas de terra ((HERMANS ET.AL. (2017); MAGNAN (2015); MAGNAN; SUNLEY (2017); e SAUER; LEITE (2012); FLEXOR; LEITE, (2017); GUNNOE (2014); (FICHTNER; HEEMSKERK; GARCIA-BERNADO (2017)). A partir da análise de um subconjunto de grupos que controlam 'Mega Farms' no Brasil e que, em algum momento da sua trajetória, abriram capital em Bolsa de Valores, o objetivo neste work foi procurar contribuir para a compreensão da financeirização analisando se as estratégias praticadas por este subconjunto de empresas estariam alinhadas a aquelas praticadas por grupos considerados protagonistas no processo de financeirização das economias, no capitalismo contemporâneo. Foi possível constatar semelhanças de estratégias entre os grupos que administram as 'Mega Farms', bem como identificar como este subconjunto particular de gestores estariam operando de forma análoga aos gestores de fundos de investimentos, considerados agentes emblemáticos nos processos de financeirização das economias (FROUD; WILLIAMS (2007), BURCH; LAWRENCE (2013), GRUN (2013), MUNDO NETO; SALTORATO (2017)). Entre os indicadores da financeirização encontrados nos casos analisados destacam-se: a presença de uma ou mais gestoras de fundos de investimentos entre seus principais acionistas; priorizar a distribuição de dividendos aos acionistas, ao invés de reter os lucros e reinvestir nas atividades produtivas; realizar programas de recompra de ações com objetivo de gerar valor para o acionista; adotar estratégia de crescimento sustentada por processos de fusões e aquisições; realizar aquisições e vendas de fazendas como



forma alternativa de gerar receitas e introduzir eficiências operacionais nas empresas investidas (corte de fornecedores, foco em determinados produtos, terceirização).



Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero, de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e



Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA) e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização:**Apoio:****Organização:**